

**S** SINAIS  
DOS  
TEMPOS

/ UMA SÓ LÍNGUA  
/ O NÚMERO 70 NA HISTÓRIA DE ISRAEL  
/ JESUS, A LUZ DAS NAÇÕES

**T**



PUBLICADORA SERVIR  
1º TRIMESTRE 2019  
N. 148 / ANO 38 / €2,00  
0 873901 319010



**2019 – Ano  
Internacional das  
Línguas Indígenas**



PUBLICADORA SERVIR  
1º TRIMESTRE 2019  
N. 148 / ANO 38

REVISTA INTERNACIONAL  
EDIÇÃO TRIMESTRAL  
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR Ezequiel Quintino

DIRETOR DE REDAÇÃO Lara Figueiredo

COORDENADOR EDITORIAL Paulo Lima

E-MAIL [sinais@pservir.pt](mailto:sinais@pservir.pt)

DESIGN GRÁFICO Rita Mendes Sadio

DIAGRAMAÇÃO Marta Rodrigues Pereira

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © Adobe Stock

PROPRIETÁRIA E EDITORA  
Publicadora SerVir, S. A.

DIRETOR-GERAL Artur Guimarães

SEDE E ADMINISTRAÇÃO  
Rua da Serra, 1 – Sabugo  
2715-398 Almargem do Bispo  
21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA  
Editorial Safeliz

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA  
Éditions Vie et Santé

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA  
Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas

TIRAGEM 15 000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº 63193/93

PREÇO NÚMERO AVULSO 2,00€

ASSINATURA ANUAL 8,00€

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS  
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

## ≈ ÍNDICE ≈

### 03

EDITORIAL

Novo Ano

### TEMÁTICA

### 04

2019 – Ano  
Internacional das  
Línguas Indígenas



### 06

Uma Só Língua  
*Como é que surgiu a  
multiplicidade de línguas  
humanas que existe  
atualmente?*

### HISTÓRIA

### 13

O Número 70 na  
História de Israel

### PROFECIA

### 18

Jesus, a Luz das Nações  
*Fique a conhecer uma  
extraordinária profecia  
messiânica cumprida  
por Jesus em todos os seus  
detalhes.*

### CIÊNCIA

### 24

Benefícios da Leitura da  
Bíblia e da Meditação

### 27

NOTÍCIA QUE  
FAZ PENSAR  
Em 40 anos perdeu-se  
60% da vida selvagem

### 28

NOTÍCIA POSITIVA  
Japão aposta na energia  
solar

### MEDITAÇÃO



### 29

Dia Mundial da Paz

### TEOLOGIA

### 30

O Carnaval na  
Antiguidade

### 34

A BÍBLIA ENSINA  
Deus Fala

# Novo Ano



**Pr. Ezequiel Quintino**

*Diretor*

Estamos num novo ano. Aquela que já é a segunda década do século XXI está a esgotar-se. Os *sinais dos tempos* continuam a prenunciar muitas incertezas e mudanças. Apesar dos votos de “Feliz Ano Novo!”, todos sabemos que o futuro (do ponto de vista humano) não se apresenta risonho ou promissor. A quase total obsessão da sociedade pelas “coisas”, que se traduz no “ter”, visando o crescimento da economia, tem arrastado o Planeta para a catástrofe. Há décadas que os cientistas alertam para a necessidade de se rever o modo como se vive e se trata a Natureza. Inquietos, não cessam de advertir acerca dos perigos que todos corremos. Os políticos, aqueles que têm a responsabilidade e o poder de tomar as decisões, parecem ausentes, indiferentes ou céticos. Apesar de alguns estarem já convencidos da realidade preocupante, vão adiando de Cimeira em Cimeira, iludindo o público com pequenas reformas, mais teóricas do que práticas.

No momento em que escrevo este Editorial está a iniciar a Cimeira de Katowice, na Polónia. Mais uma tentativa de unir esforços que se traduzam em medidas concretas e eficazes. O objetivo é

tentar ainda limitar o aquecimento global a 2°C, para conter as alterações climáticas devastadoras. Uma ação comum urgente é necessária. A nós, os cidadãos, enquanto esperamos pelas resoluções dos homens de Estado, compete-nos o dever de fazer a nossa parte individual no respeito pela Natureza e no diminuir consciente da poluição, em todas as áreas.

Nesta revista *Sinais dos Tempos* vai encontrar informação suficiente para, mais uma vez, ponderar sobre o sentido da vida e como, mesmo em contramão, podemos ser felizes sendo úteis aos nossos e à sociedade. Nunca seremos felizes, se não trabalharmos para a felicidade dos outros.

Por isso, aproveite este 2019 para usar e falar, nos seus relacionamentos, as línguas que sabe, na construção da paz e na reconciliação, para que todos cresçamos como seres humanos. Perante as evidências negativas e positivas do que vamos vivendo neste mundo, mantenhamos a esperança na certeza de que tudo irá mudar nesta “Babel” que se obstina em se afundar na confusão. Por isso, ELE descerá! ▽



≈  
Ezequiel Quintino  
Teólogo

# 2019 – ANO INTERNACIONAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS

A Assembleia Geral da ONU declarou 2019 como *Ano Internacional das Línguas Indígenas*. O objetivo é chamar a atenção para esses idiomas, muitos dos quais já desapareceram, e lembrar a necessidade de preservar e de revitalizar este património linguístico.

As línguas desempenham um papel crucial na vida diária das pessoas. É através da linguagem que participamos em todos os aspetos da sociedade: comunicamos, definimos a nossa identidade e aprende-

mos. É ainda pela linguagem que os povos preservam a sua história comunitária e a sua cultura, os seus costumes e tradições, a sua memória, os seus estilos únicos de pensamento, de significado e de expressão. A linguagem é também essencial nas áreas da proteção dos Direitos Humanos, numa boa governação, na construção da paz, na reconciliação e num desenvolvimento sustentável. Mas, apesar do seu imenso valor, as línguas continuam a desaparecer à volta do mundo a um ritmo alarmante.

Pensando nesta realidade, em 2016, as Nações Unidas tomaram uma resolução e declararam 2019 o *Ano Internacional das Línguas Indígenas*. A medida foi adotada por consenso entre os 193 países-membros. A ONU solicitou à UNESCO que liderasse a organização das ações de divulgação e de implementação deste projeto. Na ocasião, afirmou-se que 40% das estimadas 6700 línguas faladas no mundo estavam em perigo de desaparecer. Este facto coloca também em perigo tanto as suas culturas como os seus sistemas de conhecimento. Por outro lado, os povos indígenas estão, com frequência, isolados, política e socialmente, dentro dos países onde vivem, pela localização geográfica das suas comunidades e pela separação da sua história, cultura, língua e das suas tradições. Além disso, esses povos são líderes na proteção do ambiente. As suas línguas representam complexos sistemas de conhecimento e de comunicação que devem ser reconhecidos como um recurso nacional estratégico para o desenvolvimento, a construção da paz e a reconciliação. Eles também buscam e pro-

movem culturas locais únicas, costumes e valores que resistiram milhares de anos. As línguas indígenas valorizam o rico mosaico da diversidade cultural global. Sem elas, o mundo seria um local mais pobre.

A UNESCO aproveitou a celebração anual do *Dia Internacional dos Povos Indígenas* (9 de agosto) para lançar um site especial dedicado a 2019 - *Ano Internacional das Línguas Indígenas*, a ser comemorado por membros e parceiros da UNESCO durante todo o ano de 2019. Celebrar 2019 como *Ano Internacional das Línguas Indígenas* ajudará na percepção acerca delas, a fim de promover e de proteger essas línguas, tal como valorizará a vida dos que as falam. Contribuirá também para atingir os objetivos propostos pela ONU na *Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas* e na *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. ▢

<http://en.iyil2019.org/>

[www.vermelho.org.br/noticia/291352-1](http://www.vermelho.org.br/noticia/291352-1)

[www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/unesco\\_launches\\_the\\_website\\_for\\_the\\_international\\_year\\_of\\_in/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/unesco_launches_the_website_for_the_international_year_of_in/)

**No mundo: 7000 línguas faladas;  
370 000 000 de pessoas indígenas;  
90 países com comunidades indígenas;  
5000 culturas indígenas diferentes; e  
2680 línguas em perigo de desaparecer.**



## TEMÁTICA



Ezequiel Quintino

Teólogo



# UMA SÓ LÍNGUA

A celebração de 2019 como *Ano Internacional das Línguas Indígenas* releva o facto de 97% da população mundial falar apenas 4% das cerca de sete mil línguas no mundo, enquanto apenas 3% das pessoas no mundo falam 96% das línguas restantes. Sabe-se também que grande parte dessas línguas, faladas por povos indígenas, continuará a desaparecer a um ritmo alarmante. Daí a ONU, através da UNESCO, tomar medidas apropriadas na abordagem deste problema, com o fim de travar a con-

tínua perda de línguas e das suas histórias, tradições e memórias, que reduzirão consideravelmente a riqueza da diversidade linguística ao redor do mundo.<sup>1</sup>

Curiosamente, nesta multiplicidade de línguas, a pesquisa em Linguística Histórica tem ajudado a perceber que *todas as línguas estão relacionadas*. Também os linguistas europeus demonstram um

<sup>1</sup> [www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/unesco\\_launches\\_the\\_website\\_for\\_the\\_international\\_year\\_of\\_in/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/unesco_launches_the_website_for_the_international_year_of_in/)

certo consenso ao admitirem a existência de um tronco ou idioma comum de linguagem partilhado pelas línguas europeias, até cerca de seis mil anos antes de Cristo. Chamam *proto-indo-europeu* a esta língua comum.<sup>2</sup> Isto leva-nos a recuarmos à narrativa bíblica das origens (Gênesis 1-11). Naquele tempo, a Humanidade falava uma única língua e todos usavam o mesmo discurso (Gênesis 11:1). Para se compreender a transição de uma única língua para a diversidade de dialetos, recorde-se, esquematicamente, o contexto que proporcionou essa mudança.

### AS ORIGENS

Deus tinha criado o planeta Terra, um *habitat* completo e “*muito bom*” para os primeiros seres humanos, Adão e Eva. Viviam felizes numa relação de confiança perfeita com o seu Pai e seu Deus Criador. Esta harmonia foi quebrada quando eles deram ouvidos aos argumentos da serpente e comeram do fruto da árvore proibida, apesar do aviso de Deus. Adão e Eva, ao fazerem uma má escolha, desobedeceram, traíram a confiança que os unia a Deus, resultando em separação, mal, sofrimento e morte. Entrou assim o pecado no mundo, segundo a revelação bíblica. Depois, paradoxalmente, o primeiro ato de adoração e de expressão religiosa, uma oferta a Deus, tornou-se no catalisador para o primeiro crime de homicídio. Caim mata o seu irmão Abel. Em rebelião contra Deus, Caim afasta-se (Gênesis 4:16), torna-se nómada e dá origem a uma descendência que se afundou progressivamente na corrupção e no crime. Então, Deus “*viu que a maldade do homem se tinha multiplicado na terra e*

<sup>2</sup> [www.hypescience.com/esta-incrivei-arvore-mos-tra-como-todas-as-linguas-do-mundo-estao-connectadas/](http://www.hypescience.com/esta-incrivei-arvore-mos-tra-como-todas-as-linguas-do-mundo-estao-connectadas/)  
[www.super.abril.com.br/historia/antes-da-torre-de-babel/](http://www.super.abril.com.br/historia/antes-da-torre-de-babel/)

## “E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala.” Gênesis 11:1.

*que era continuamente má toda a intenção do seu coração [...] a terra estava completamente corrompida e cheia de violências [...] pois todos os seus habitantes seguiam caminhos errados*” (Gênesis 6:5, 11 e 12). Dessa geração depravada, Deus apenas pôde preservar a família de Noé do dilúvio purificador, porque “*Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus*” (Gênesis 6:9). Depois do dilúvio universal, Deus recomeçou o povoamento do Planeta com oito pessoas e um barco carregado de animais: “*Deus abençoou Noé e os seus filhos e disse-lhes: ‘Sejam férteis, cresçam e encham a terra [...] propaguem-se pela terra e dominem-na’*” (Gênesis 9:1, 7). Deus ainda fez uma aliança com eles e prometeu-lhes que nunca mais a Terra seria destruída por um dilúvio, confirmando a promessa pelo arco-íris (Gênesis 9:8-17).

Dos três filhos de Noé – Sem, Cam e Jafé –, Cam demonstrou ter mau caráter e baixa moralidade (Gênesis 9:18-29), transmitindo essas tendências aos seus descendentes que optaram por degradantes formas de paganismo. Dos filhos de Cam destaca-se Cush, cujo sexto filho, Nimrod, ficou célebre pelos piores motivos. Contrariando a ordem de Deus, cerca de 100 anos depois do Dilúvio, eles apenas desceram das montanhas de Ararat (atual Turquia), mas ainda se mantinham juntos e faziam planos de maior concentração.

Por isso, o bisneto de Noé, Nimrod, seguiu as pegadas de Caim, que foi o primeiro construtor de uma cidade (Gênesis 4:17). A fama de Nimrod começou como fundador de cidades-estado: Babel,

Ereque, Acade e Calné na terra de Sinar, no Sul da Mesopotâmia. Ainda erigiu outras cidades: Nínive, Reobot-Ir, Calá e Résen, no Norte da Mesopotâmia, mais tarde chamado Assíria (Gênesis 10:8-12).

Na carta ou lista das nações (Gênesis 10), *Nimrod* (cujo nome significa “*revoltemo-nos*”) surge como autor do imperialismo. Levanta-se como o primeiro líder mundial, a fim de reunir o povo numa religião e numa ordem mundiais contra Deus. Com Nimrod, a sociedade passou da forma patriarcal para a monárquica. É o primeiro homem mencionado na Bíblia como chefe de um reino, cuja capital seria Babel, na planície de Sinar (Mesopotâmia), situada entre os rios Tigre e Eufrates. Evidências arqueológicas confirmam a veracidade do texto bíblico na história da torre de Babel.

## BABEL

Ainda hoje podem ser observadas ruínas de torres feitas de várias plataformas sobrepostas que se elevam desde uma base larga até dois ou mesmo sete andares em progressivos níveis mais estreitos – são os zigurates. Aliás, “zigurate” significa, em acadiano, “levantar” ou “elevar”. Os Mesopotâmios acreditavam que estas torres funcionavam como união entre os Céus e a Terra. *O zigurate em Babilônia* era conhecido como *Etemenankia*, ou “*Casa da Plataforma entre Céu e Terra*”. Apesar de terem significado religioso, os zigurates não eram templos para adoração pública, mas acreditava-se que eram o lugar de habitação dos deuses.<sup>3</sup>

A história da torre de Babel (Gênesis 11:1-9) é concisa e desenvolve-se em duas

partes. A primeira (vv. 3 e 4) descreve as ações dos construtores da torre; a segunda (vv. 5-8) conta a resposta de Deus a essas ações. Em esquema quiástico simples temos:

**A** Narrativa: Toda a Terra tinha uma língua e concentração (vv. 1 e 2).

**B** Discurso humano (vv. 3 e 4).

**C** Narrativa: Julgamento divino (v. 5).

**B1** Discurso divino (vv. 6 e 7).

**A1** Narrativa: Toda a Terra tem muitas línguas e dispersão (vv. 8 e 9).

A organização e os paralelismos entre as seções da estrutura literária da narrativa sugerem duas ideias teológicas principais.

A *primeira parte* (vv. 3 e 4) apresenta uma *teologia de inversão*. A linguagem que é usada na primeira parte, para descrever o trabalho dos construtores de Babel, faz eco à narrativa da Criação, com a intenção deliberada de reverter a obra da Criação e substituir o Deus da Criação. Quando Nimrod fundou o reino de Babel, lê-



<sup>3</sup> A maior parte da informação que segue é extraída de Jacques B. Doukhan (*General Editor*) *Genesis – Seventh-Day Adventist International Bible Commentary*, [s. l.]: Pacific Press and Review & Herald, 2016, pp. 182-190.



-se, em Génesis 10:10: “*E o princípio do seu reino foi Babel.*” Nimrod apresenta-se como o criador de Babel, como Deus é o Criador do Céu e da Terra (Génesis 1:1). Na história da torre de Babel observa-se uma tentativa de usurpação. Por exemplo, a palavra de Deus – “*Deus disse*” (Génesis 1:3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26) – foi substituída pela palavra deles – “*eles disseram*” (Génesis 11:3 e 4). A deliberação “*façamos*” do Criador (Génesis 1:26) foi substituída pela deliberação humana “*edifiquemos*” (Génesis 11:4). Os construtores de Babel tinham a mesma ambição de Eva, queriam ser como Deus (Génesis 3:5 e 6).

Na *segunda parte* (vv. 6 e 7), que descreve a reação de Deus aos construtores de Babel, a linguagem também sugere uma *segunda inversão, destinada a reverter a anterior inversão*. Esta teologia de inversão denuncia a iniquidade de Babel e a sua intenção de usurpar o papel de Deus. Também mostra o resultado desta tentativa humana e a consequente resposta de Deus. O tema de Babel ou de Babilónia é transversal às Escrituras como um aviso contra qualquer tentativa humana que busque substituir Deus (Isaías 14:12-15; Ezequiel 28:14-17; Daniel 4:31-37; 8:11, 25; Apocalipse 13:4; 14:8 e 9).

*A história da torre de Babel transmite igualmente uma mensagem de esperança.* Há um “depois” de Babel: *Deus descera*. Esta é a mensagem central da história que está localizada bem no centro da narrativa (Génesis 11:5). A intervenção de Deus, que reverte a inversão praticada por Babel, sugere que a descida de Deus nos reconduzirá à situação ideal no tempo da Criação. *Será a reposição da harmonia e da perfeição iniciais.*

Analisemos agora o texto da narrativa de Babel em Génesis 11:1-9.

**11:1 – Toda a Terra** – Refere-se aos que se desviaram do Criador e optaram

pela independência, caindo no paganismo. Quando se observa a genealogia das nações, é muito provável que a família de Pelegue não estivesse envolvida na rebelião de Babel contra Deus. Da descendência de Pelegue, na quinta geração, nascerá Abrão. Da Humanidade submersa no mal, Deus irá formar um novo povo que começa com Abraão (17:5).

**Uma língua** – Refere uma língua comum, a mesma maneira de falar partilhada pela população humana, antes da divisão das línguas. Não é claro no texto se os descendentes de Pelegue conservaram a língua original, enquanto os outros adquiriram diferenças linguísticas. Todavia, a tradição judaica presume que, já que o nome “Hebreu” deriva do nome “Héber”, pai de Pelegue e antepassado dos Hebreus, pode-se inferir que esta “*uma língua*” fosse a língua hebraica, a qual conteria elementos da língua original pré-diluviana. Pelo menos seria (com muita probabilidade) uma das línguas semitas, hebraico ou aramaico, porque nomes de pessoas do período antes da confusão das línguas só fazem sentido num contexto de linguagem semita.

**Um discurso** – Etimologicamente, refere o facto de este povo usar as mesmas palavras e manter o mesmo discurso. *Todos partilhavam a mesma mentalidade*, saídos do mesmo molde, sugerindo uma sociedade totalitária (Daniel 3:1-7), sem espaço para a diferença, porque todos tinham a mesma linguagem e diziam as mesmas coisas com as mesmas palavras.

**11:2 – Partindo eles do Oriente** – *Todos concordam em se deslocar juntos para outro lugar.* É a primeira migração humana. O termo *miqqedem*, traduzido por “do Oriente”, tem uma *referência espacial* e indica uma *direção geográfica*. Também se aplica a *tempo*, significando “antes”, “antigo” (Deuterónimo 33:15; Isaías 19:11),

**“Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foilhes o tijolo por pedra, e o betume por argamassa...**

**Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.”**

**Gênesis 11:3 e 4.**



ou “dias antigos”, “outrora” (Salmo 44:1). A palavra refere ainda o próprio início do tempo, a origem no momento da Criação (Provérbios 8:22 e 23). O Jardim do Éden está situado *miqqedem* (Gênesis 2:8), indicando a localização leste do Jardim e sugerindo que pertence aos tempos mais antigos. Esta palavra tem também uma *conotação negativa de abandono do lugar original*. Por exemplo, é usado o mesmo termo para descrever Adão deixando o Jardim do Éden (Gênesis 3:23 e 24) e Caim deixando a família de Deus (Gênesis 4:16). A intenção espiritual deste movimento é confirmada pela etapa seguinte. *Escolheram um vale, uma planície*, que está em total contradição com a localização anterior, as montanhas. Há qualquer coisa da mentalidade de Caim nos construtores de Babel.

**11:3 – Façamos tijolos** – A linguagem dos construtores de Babel antecipa o seu falhanço e o futuro julgamento de Deus. A colaboração comunitária é repetida quatro vezes (*façamos tijolos, vamos cozê-los, vamos construir, vamos fazer*) e recorda o plural divino da Criação – “*façamos*” (Gênesis 1:26), traindo a intenção deles de usurpar Deus. Esta linguagem será simulada ironicamente por Deus na segunda par-

te da história – “*desçamos e confundamos*” (Gênesis 11:7).

**Tijolo por pedra ... betume por argamassa** – O material usado é criação deles. *São criativos*. A linguagem sugere o mecanismo da passagem da cidade natural para a artificial. Os homens de Babel estão apenas preocupados com a realização do seu trabalhoso projeto. Quando falam uns com os outros dizem sempre a mesma coisa e acerca do mesmo trabalho. Agem artificial e mecanicamente como marionetas, parecem ter perdido a sua humanidade.

**11:4 – Vamos construir uma cidade** – Os construtores de Babel associaram-se com a tradição de Caim, o primeiro a construir uma cidade (Gênesis 4:17). O uso da expressão “*para nós*” sugere que eles insistem em que estão por conta deles mesmos, num caminho que *marca a independência deles de Deus*. Tal como Caim, os construtores de Babel *querem criar uma civilização secular*.

**Uma torre cujo topo chegue aos céus** – A palavra hebraica para torre (*migdal*)



“Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro.

Assim o Senhor os espalhou dali sobre a superfície da terra; e cessaram de edificar a cidade.

Por isso se chamou o seu nome Babel, porque ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali o Senhor os dispersou por toda a superfície da terra.”

Gênesis 11:7-9.

denuncia as aspirações dos construtores. O termo está relacionado com a palavra *gadal* – “grande” –, sugerindo a *ideia de ambição e glória*, associada com frequência com Deus (Êxodo 18:11; Deuteronômio 7:21; II Samuel 7:22). É suposto a torre atingir os céus, pormenor que significa mais do que uma proporção monumental. Os construtores de Babel têm a *ambição espiritual de tomar o lugar de Deus*.

**Façamos um nome** – O próprio jogo de palavras *revela a intenção deles de ocupar o lugar de Deus*. Porque Deus habita no Céu (Gênesis 21:17) e é o único que pode fazer um ser humano ter “nome grande” (Gênesis 12:2), e que faz um “nome” para Si mesmo (Isaías 63:12, 14; Jeremias 32:20). A recordação do Dilúvio pode ter contribuído para a decisão deles de construir uma torre. Por ironia, escolheram a planície para esquecerem a montanha, que estava associada à memória do Dilúvio e da presença de Deus. Porque não acreditavam em Deus, na Sua palavra ou promessa, construíram uma torre alta

com a intenção de se salvarem de outro possível dilúvio. Esta superstição esteve presente nos construtores de zigurates. Eles tentaram substituir a montanha natural por uma artificial, que fabricaram. Esforçaram-se por subir porque queriam controlar o próprio destino e assegurar a sua salvação. Recusaram confiar no Deus invisível e nas Suas promessas. Recusaram acreditar no Deus que desce. Por esse motivo, Ele descerá (Gênesis 11:5, 7).

**11:5 – Mas o Senhor desceu para ver a cidade** – A *ironia* da própria frase é admirável. Apesar de todos os esforços dos construtores para atingirem os céus, mesmo assim Deus teve de descer para os encontrar. Esta perspectiva da vinda de Deus é também a ironia de Deus, Aquele que tem a última palavra, e que descerá contra a orgulhosa e arrogante Babel/Babilónia do tempo do fim (Isaías 2:12, 15, 20 e 21; Daniel 2:44 e 45).

**A cidade e a torre que os homens estavam a construir** – Estranhamente, o processo de construção não ficou registado na

narrativa bíblica. Desde o último discurso não se ouviu qualquer palavra dos construtores. Eles construíram em silêncio, sem emoções ou comunicação. A importância da “grande” obra prevaleceu sobre o valor dos seres humanos.

**11:7 e 8 – Vamos ... confundir a língua deles** – Somente Deus pode dizer “*Façamos ...*” e produzir ou criar um produto. O Deus no plural que é “Um” responde aos construtores, que são muitos e fracassam em ser um. O falhanço dos construtores em valorizarem o lado humano de cada um conduziu à impossibilidade de comunicação uns com os outros. Deus desceu e interferiu com a intimidade das palavras e do discurso deles. De repente, o discurso deles já não fazia sentido. *Pareciam idiotas aos olhos uns dos outros. Falavam e já não se compreendiam.* Os bons velhos tempos, quando eram “um na linguagem”, tinham sido revertidos. Agora, o facto era que a comunicação entre eles já não funcionava. Desta maneira, dispersaram-se *“pela superfície da terra e cessaram de edificar a cidade”*. Sem Deus, aquele projeto ambicioso morria ali.

**11:9 – Babel** – O nome dado à cidade é um bom resumo da história completa de Babel e das suas lições. Babel deve ser identificada com a antiga Babilónia do terceiro milénio a.C.. Foi também a capital de Hamurabi (século XVIII a.C.) e de Nabucodonosor (605-562 a.C.). Os Babilónios entenderam o significado do nome “Babel” como *Bab-ili* ou *Bab-ilanu*, isto é, “porta de Deus” ou “portão dos deuses”. Esta expressão ficou registada nos anais da história de Babilónia e prova a ambição escondida no projeto de Babel, principalmente para atingir a “porta de Deus”. Nas cidades fortificadas da época, alcançar e controlar a “porta” significava controlar a cidade. *O desejo de chegar à “porta de Deus” denuncia a ambição dos constru-*

*tores de Babel para controlar Deus e ocupar o Seu território – tomar o Seu lugar. Por um jogo de palavras que relaciona Babel (“porta de Deus”) com o termo balal (“confundir”), somos alertados para a loucura do projeto de Babel – termina em confusão.*

## CONCLUSÃO

Desde os tempos mais remotos, na Bíblia, o nome Babel/Babilónia representa o poder do mal por excelência que se opõe a Deus e se arroga direitos e privilégios que apenas pertencem a Deus. Ao longo da história humana, *Babel/Babilónia é o símbolo da usurpação da autoridade de Deus.* É o movimento humano ascendente que tenta orgulhosamente usurpar e controlar o lugar e as prerrogativas do Deus Criador e Redentor.

Mas, no âmago da confusão causada por Babel/Babilónia, *Deus descera para reverter a inversão da Verdade* e salvar todos os que optaram livremente por ficar do lado do Criador e Salvador (Daniel 12:1-3). Então, serão julgados os construtores da confusão Babel/Babilónia (Apocalipse 17 e 18). *Deus tem a última palavra.* Ele é o Senhor da História e vem como *“Rei dos reis e Senhor dos senhores”* (Apocalipse 19). Será a recriação do Planeta à harmonia e à perfeição iniciais. Assim se fecha o parêntesis do mal no Universo. Deixa de haver confusão de dialetos e volta-se a uma língua original (Apocalipse 21 e 22).

*“O Grande Conflito terminou. Pecado e pecadores já não existem. O Universo inteiro está purificado. Um sentimento único de harmonia e júbilo vibra por toda a vasta Criação. D’Aquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do Espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, na sua serena beleza e perfeito regozijo, declaram que Deus é amor.”*<sup>4</sup> □

4 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2009, p. 564.

# O NÚMERO

# 70



## NA HISTÓRIA DE ISRAEL



**Victor Alves**

*Professor de História*



Ao meio-dia do dia 14 de maio de 1948, Israel declarou a sua independência. Porém, esta foi rejeitada pelos países árabes, que não aceitaram o plano de partição proposto pela ONU. Desde então, Israel tem vivido em permanente estado de guerrilha e com, pelo menos, duas guerras devastadoras: A Guerra dos Seis Dias (em junho de 1967) e a guerra resultante da tentativa de desforra do Egito e da

Síria contra Israel (Guerra do *Yom Kippur*, em 1973). Além destes conflitos, houve as guerras com os Palestínianos e com o *Hezbollah*, no Líbano, e as *Intifadas*, ou “Guerra das Pedras”, entre outras.

A. B. Yehoshua, um dos maiores escritores de Israel, escreveu na sua crónica no jornal *Haaretz*, publicada na *Revista Expresso* de 12 de maio de 2018: “Nunca houve na história da Humanidade o exem-



plo de um povo que deixa a sua terra há pelo menos dois mil anos, que erra entretanto por todo o Planeta, e, dois milénios depois, deseja (sobretudo por causa da hostilidade crescente que provoca) regressar à sua pátria histórica com a qual mantém, é verdade, um laço espiritual e religioso, embora se tenha absterido, ao longo dos séculos, de nela voltar a pôr os pés e estabelecer-se verdadeiramente.” Esta citação traz à lembrança a recente comemoração dos 70 anos da independência de Israel, em 2018, que remete para o número 70, o qual tem marcado a história deste povo.

### OS 70 ANOS

Das 95 vezes que a palavra “setenta” é utilizada na Bíblia, quase metade das utilizações aplica-se a pessoas, anciãos de Israel, homens, anos, semanas, perdão, cavaleiros, etc.. Mas as utilizações mais significativas encontram-se em Isaías 23:15, 17; Jeremias 25:11 e 12; 29:10; e Daniel 9:2.

O profeta Daniel, na sua investigação das Escrituras, especialmente do livro de Jeremias, entendeu que a assolação de Jerusalém seria de 70 anos. O cativeiro de Babilónia tinha começado no ano de 605 a.C..

Pode perguntar-se: Porque aconteceu o cativeiro do povo judeu em Babilónia? A verdade é que o povo de Judá poderia ter evitado o exílio em Babilónia. Deus, por intermédio do profeta Jeremias, insistiu com o povo para que voltasse para Ele. Se o povo se tivesse arrependido, o exército de Babilónia não teria invadido o território de Judá. Só que o povo recusou ouvir o apelo divino e, por fim, sem a proteção de Deus, a punição vinda de Babilónia caiu sobre ele.

E por que razões permitiu Deus que Judá e Jerusalém caíssem nas mãos dos Babilónios? Os livros bíblicos de II Reis e de II Crónicas informam que o rei de Judá, Manassés, “se entregou a toda a espécie de impiedade” e também “o povo fazia mal aos

*olhos do Senhor*” (II Reis 21). Por sua vez, o rei Zedequias fez *“o que era mau aos olhos do Senhor”*. O povo zombava dos profetas e desprezava-os (II Crônicas 36:11-16). A iniquidade, a transgressão e o não dar ouvidos à voz de Deus eram uma constante na vida do povo judeu antes do cativo. O povo optou por um estilo de vida imoral, contrário ao plano de Deus. Entregou-se à prática da idolatria, da desonestidade e da desobediência deliberada à Lei de Deus.

O próprio profeta Jeremias viveu num contexto de contradições absurdas. Os povos pagãos praticavam atos sexuais nos templos dos seus deuses como parte do seu culto pagão. Isto também era praticado e defendido por muitos Judeus, incluindo os líderes. Os Judeus prostituíam-se em casas de prostitutas. Nestas casas, também praticavam prostituição cultural, um tipo de cerimonial religioso sexual tendo em vista a promoção da fertilidade. Prostitutos e prostitutas eram vistos como santos, separados para tal tipo de orgia, pois tratava-se de uma prostituição tida como “sagrada”. Entretanto, Jeremias, o porta-voz de Deus, não deixava de reprovar tais práticas e de aconselhar o povo ao arrependimento, para que voltasse para o Senhor que já o tinha libertado da escravidão do Egito. Neste contexto, o que aconteceu a Jeremias? Foi ferido com açoites e colocado na prisão, acorrentado a um tronco. Foi perseguido, desprezado e punido. Na realidade, não é fácil ser-se um servo fiel de Deus em tempo de corrupção.

Afinal, estes 70 anos de cativo em Babilónia foram o resultado da degeneração de um povo, de uma nação. Os Judeus chegaram a um ponto sem retorno. Queimaram incenso a outros deuses e reedificaram os altares ao deus Baal, que o fiel rei Josias tinha destruído (II Crônicas 34-35:19). Nesses altares ofereciam os seus filhos em sacrifício a falsos deuses, derramando

## **Deus ama os Seus filhos e deseja-lhes bem. Todavia, devido à liberdade e ao livre arbítrio que lhes concede, Deus respeita sempre as escolhas e as decisões, quaisquer que sejam, dos seres humanos.**

mando sangue inocente em rituais pagãos. Era necessário fazer alguma coisa por este povo. O povo de Deus vivia, de facto, como os pagãos. Distanciou-se tanto de Deus que não conseguiu mais suportar as mensagens que Ele lhe enviava pelo profeta Jeremias.

Então, sem a proteção divina, em consequência dos pecados coletivos dos Judeus, que os separavam de Deus, Nabucodonosor invadiu Judá por três vezes. As duas primeiras funcionaram como advertências de Deus para que, enfim, tomassem consciência e dessem uma volta de 180 graus, da sua idolatria para a verdadeira adoração. Como nada mudou, a terceira invasão resultou na destruição da capital, Jerusalém, incluindo os palácios reais, as grandes construções e habitações, a muralha e, lamentavelmente, o Templo de Jerusalém (II Reis 24:20-25:12; II Crônicas 36:5-21; Jeremias 52:1-30). Os Judeus tiveram grandes oportunidades, mas não as aproveitaram. Os 70 anos de assolação evitável tiveram o seu cumprimento.

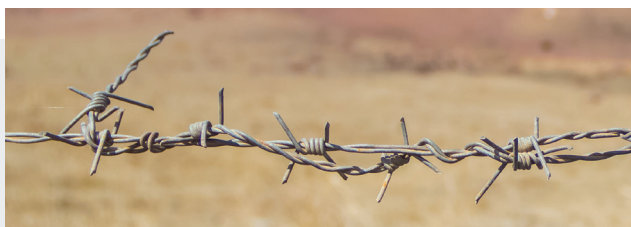
### **A JUSTIÇA DO AMOR DE DEUS**

Deus ama os Seus filhos e deseja-lhes bem. Todavia, devido à liberdade e ao livre arbítrio que lhes concede, Deus respeita sempre as escolhas e as decisões, quaisquer que sejam, dos seres humanos. Neste caso,

o povo de Deus expôs-se às consequências das suas opções. E as consequências foram terríveis. Por um tempo, que seria de 70 anos, não existiria a nação de Judá, e também não haveria monarquia, nem seria o povo judeu politicamente independente.

O curioso no meio desta tragédia é que Nabucodonosor (o rei inimigo) deu ordens ao comandante do seu exército, Nabuzaradã, para cuidar do profeta Jeremias. Por sua vez, Nabuzaradã deu ordens para que Jeremias fosse libertado e entregou-o aos cuidados de Gedalias, nomeado Governador de Judá. Gedalias levou-o para o palácio e deu plena liberdade ao profeta para escolher onde viver no meio do seu povo (Jeremias 39:1-14; 40:1-12). Outro pormenor interessante é que este Governador vai atribuir a queda de Jerusalém não ao poder de Babilónia e dos seus deuses, mas à rebeldia do povo e da cidade às ordens do seu Deus (Jeremias 40:1-6).

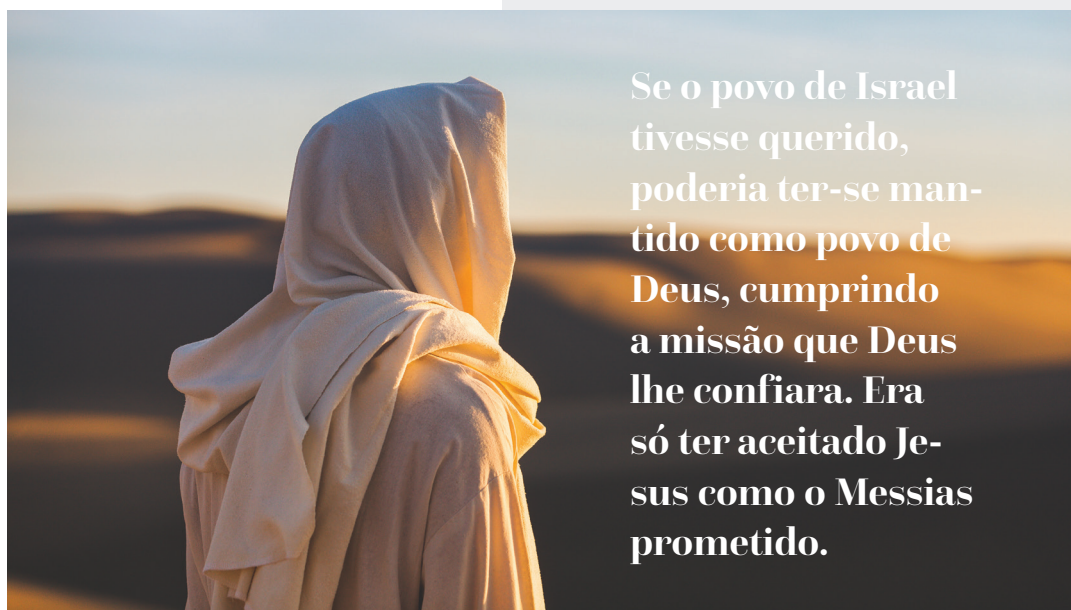
A Bíblia é um livro divinamente inspirado, que descreve eventos reais que aconteceram com seres humanos. Os textos bíblicos relatam factos positivos e negativos praticados por humanos como lições pedagógicas dirigidas a outros hu-



manos. Portanto, a história de Jeremias e do povo judeu daqueles dias contém aplicações universais. Esta história passou-se há cerca de 2500 anos. Terminados os 70 anos de exílio em Babilónia, parte do povo judeu voltou à sua terra, mas nem todos. Muitos permaneceram em Babilónia.

### AS 70 SEMANAS

Entretanto, a história deste povo prossegue. Enquanto Jeremias exerceu o seu ministério profético em Judá e em Jerusalém, Daniel vai viver a sua missão profética no exílio, em Babilónia. Agora vai surgir outro número 70, não de anos, mas de semanas. É o profeta Daniel que vai fazer referência ao que Jeremias escreveu nos capítulos 25 a 30 do seu livro. Daniel vai perceber que o povo estava acomodado no exílio. Assim, orou pelo seu povo e pediu perdão pelos seus próprios pecados e pelos do povo. Daniel, já com 68 anos de exílio em Babilónia, compreende que o cativo está



**Se o povo de Israel tivesse querido, poderia ter-se mantido como povo de Deus, cumprindo a missão que Deus lhe confiara. Era só ter aceitado Jesus como o Messias prometido.**





a chegar ao fim. Intercede pelo seu povo e pela sua cidade (Daniel 9:1-19). Ele sabia por que razão estava no exílio. A sua preocupação era de que o povo tivesse ido longe de mais. Ainda em plena oração de súplica, o profeta recebe mais uma visão divina (Daniel 9:20-23), referindo um período de 70 semanas: “*setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade*” (Daniel 9:24).

O anjo Gabriel apareceu a Daniel e comunicou-lhe o que tem sido chamado uma das “joias da coroa” da profecia do Antigo Testamento (Daniel 9:24-27). Sir Isaac Newton descreveu a profecia de Daniel 9:24-27 como “a pedra de base da religião cristã”, porque previu com uma antecedência de mais de 500 anos não só a data em que o Messias apareceria, mas também a duração do Seu ministério público, assim como a Sua morte expiatória pelo pecado, não só do Seu povo, mas também de toda a Humanidade.

Quais os resultados finais destas 70 semanas? Se o povo de Israel tivesse querido, poderia ter-se mantido como povo de Deus, cumprindo a missão que Deus lhe confiara. Era só ter aceitado Jesus como o Messias prometido. Mas o que aconteceu? Mais uma vez, a História repete-se. Os Judeus como nação rejeitaram Jesus como seu Messias. Conspiraram junto dos Romanos para que estes condenassem à crucificação o seu Salvador – o Messias, O Qual profetizou que a casa deles iria ficar deserta (Mateus 23:38). O facto de Israel ter vivido o equívoco de esperar um Messias político que os libertasse do jugo romano impediu-os de reconhecerem a messianidade sofredora de Cristo como Salvador – “o Cordeiro de

*Deus que tira o pecado do mundo*” (João 1:29). Depois da morte, da ressurreição e da ascensão de Jesus ao Céu, os Judeus vão acantonar-se na luta de guerrilha contra o poder romano. Os Romanos respondem com mais repressão, até que esta culmina com a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C..

## CONCLUSÃO

Passados cerca de 2000 anos, chegamos ao século XX, a 1948. Temos os últimos 70 anos até aos nossos dias. Na capa da *Revista Expresso* (12 de maio de 2018) lê-se: “70 anos. Há uma democracia no Médio Oriente que tem contas por saldar. História de um país ainda em construção e sempre em risco de ser destruído. Memórias, relatos e depoimentos de um povo que vive em permanente tensão.”

A tentativa de tomar a Palestina, há 70 anos, por via militar, para restituir Jerusalém aos Judeus foi e permanece um projeto político, mas nada tem de expressão profética. Uma realidade é certa. Israel como nação deixou de cumprir a missão que Deus lhe tinha designado – testemunhas e pregoeiros de uma mensagem num mundo a salvar. Apesar de falharem coletivamente, o Deus de amor não os rejeitou individualmente. Todo aquele que entrar em comunhão com o Salvador e se render a Ele, será salvo. Como nação teocrática, o seu tempo terminou no ano de 34 d.C.. Agora são uma democracia no meio do Médio Oriente, todo ele árabe. E a História volta a repetir-se.

Terminamos com uma expressão de A. B. Yehoshua: “A decisão de criar um Estado foi corajosa e arriscada. Mas lutámos pela nossa vida, porque atrás de nós está o mar e não tínhamos para onde fugir” (*Revista Expresso*, 12 de maio de 2018, p. 24).

O tempo tudo esclarecerá. Todavia, de acordo com o Livro Sagrado, estamos decididamente nas derradeiras etapas proféticas do designado “*tempo do fim*”. ▢



**Paulo Lima**

*Editor da Sinais dos Tempos*



# JESUS, A LUZ

## INTRODUÇÃO

O Antigo Testamento contém numerosas profecias. Parte delas são profecias messiânicas. De facto, Deus foi comunicando ao longo da história do Seu povo, através de homens inspirados por Ele, profecias que descreviam o ministério e a vida do Messias de Israel. Este escolhido de Deus foi designado como “Messias” (*mashiah*, em hebreu), porque Ele seria “ungido” pelo Espírito de Deus para executar uma missão gloriosa: salvar o povo de Deus, isto é, todos os seres humanos que O aceitassem como enviado de *Yahweh*.

Uma destas profecias messiânicas é conhecida como o “Primeiro Poema do Servo de *Yahweh*”. Trata-se do primeiro de quatro poemas presentes no livro do profeta Isaías que descrevem a vocação, o ministério e a morte de um personagem designado como “servo de *Yahweh*”.

O primeiro poema encontra-se em Isaías 42:1-7. (Os outros três poemas estão em Isaías 49:1-10; 50:4-9; e 52:13-53:12.) O texto da passagem enigmática de Isaías 42 é o seguinte: “*Eis aqui o meu servo que eu sustenho, o meu eleito em quem a minha alma tem prazer. Eu pus sobre ele o meu Espírito, ele fará sair o juízo para as nações. Ele não gritará, ele não elevará nem fará ouvir a sua voz na rua. Ele não quebrará a cana rachada, não apagará o pavio prestes a extinguir-se; ele fará sair o juízo em verdade. Ele não se extinguirá, ele não será quebrado até que coloque o juízo sobre a terra e as ilhas aguardarão a sua lei. Assim diz Deus Yahweh, que criou os céus e os estendeu, que desenrolou a terra com os seus rebentos, que deu o alento ao povo que está sobre ela e o espírito aos que andam nela. Eu, Yahweh, te chamei em justiça, te tomei pela mão, te formei e te dou por aliança do povo, para luz das nações. Para*

“Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.”

João 12:46.

# DAS NAÇÕES

*abrires os olhos dos cegos, para fazeres sair da prisão o preso e da casa do cativo os habitantes das trevas.”*

Este poema foi composto durante a fase final do longo ministério do profeta Isaías, que decorreu entre 739 a.C. e 690 a.C.. Em seguida, vamos interpretar este texto profético e, depois, mostrar como ele teve o seu cumprimento em Jesus de Nazaré.

## INTERPRETAÇÃO DE ISAÍAS 42:1-7

O “Primeiro Poema do Servo de *Yahweh*” divide-se em duas perícopes: Isaías 42:1-4 e 42:5-7. Na primeira, Deus apresenta o Seu servo a um grupo não especificado. Na segunda, Deus dirige-Se ao Seu servo sob a forma de um oráculo profético. Começemos por fazer a exegese da primeira perícope.

Em Isaías 42:1, Deus apresenta abruptamente o Seu designado servidor (*‘ebed*) ao mundo. Este é sustentado pelo

poder de Deus e foi eleito por Ele para desempenhar uma missão. Para que possa realizar essa missão, o servo recebeu o Espírito de Deus. Isto implica a existência de uma relação muito íntima entre Deus e o Seu servo. O facto de que o servo recebeu o Espírito de Deus para o cumprimento da sua missão faz dele um “homem do Espírito”, isto é, um profeta (cf. Oseias 9:7; II Reis 2:9 e 10, 15). De facto, aqui o “Espírito” é equivalente ao “Espírito profético” (cf. Números 11:25, 29). Qual é a missão do servo? Deus começa a esboçá-la ao afirmar que o servo “fará sair o juízo para as nações”. O termo hebraico *mishpât* tem como sentido básico “juízo” ou “Direito”. Aqui, significa o conjunto dos mandamentos e estatutos revelados por Deus que constituem a religião de *Yahweh*. De facto, em Isaías 42:4, *mishpât* é colocado em paralelo com *torah* (“Lei” ou “Instrução”

religiosa). Portanto, o servo fará conhecer aos povos da Terra a revelação da vontade divina dada originalmente a Israel. A sua missão não será política, mas sim religiosa: converter os povos pagãos, colocando-os sob a égide de *Yahweh*, o único Deus verdadeiro. Assim, o servo será o mediador entre o Deus Criador e as nações da Terra.

O profeta Isaías começa então a caracterizar a ação missionária do servo de *Yahweh*. Com três fórmulas negativas, ele descreve a maneira como o servo desenvolverá a sua missão: “*Ele não gritará, ele não elevará nem fará ouvir a sua voz na rua.*” Portanto, o eleito de Deus exercerá o seu ministério de modo humilde e calmo, sem comoção. O seu porte será modesto e tranquilo, pois o seu exemplo será a sua principal forma de pregar. Ao contrário dos *nabis*, profetas extáticos que alardeavam as suas profecias (e.g., I Samuel 19:18-24), ele não gritará nas ruas para divulgar a sua doutrina. Ele não imporá às pessoas a sua mensagem. Isto mostra que o segredo do seu poder estará no conteúdo dessa mensagem de “juízo” (*mishpât*), que cativará as nações que a receberem.

O servo de *Yahweh* faz com que a justiça de Deus prevaleça de tal modo que a sua ação preserva aqueles que estão espiritualmente quebrados ou prestes a extinguir-se. De facto, dele é dito que “*não quebrará a cana rachada, não apagará o pavio prestes a extinguir-se*”. Uma “cana rachada”, que se parte sob a mínima pressão, denota alguém num estado de extrema fraqueza. Do mesmo modo, “o pavio prestes a extinguir-se” denota alguém enfraquecido. Isto significa que a missão do servo é salvar, não destruir. Assim, ele não só não usará de violência ou de coação, como não desconsidderará aqueles que mostram ter ainda uma pequena capacidade de sobrevivência espiritual. Pelo contrário, dar-lhes-á esperança e vida. Mostrará ternura pelos mais fracos,

não destruindo a sua pequena fé, mas, antes, preservando-a. Ele fará isto difundindo a sua doutrina de justiça (*mishpât*) “em verdade” (*le'meth*), isto é, de modo fiel e autêntico. Transmitirá com fidelidade e verdade a revelação que lhe foi confiada por Deus.

O servo de *Yahweh* terá de enfrentar oposição e morte, mas “*não se extinguirá, não será quebrado até que coloque o juízo sobre a terra*”. Ele não sucumbirá perante os obstáculos e as dificuldades, desenvolvendo até ao fim a sua missão de levar o juízo (*mishpât*) às nações da Terra. Há aqui uma referência velada à morte violenta do servo. No entanto, tal morte não o impedirá de realizar com sucesso a sua missão de revelar Deus aos Gentios. Pelo contrário, “*as ilhas aguardarão a sua lei*”. No pensamento hebraico, as “ilhas” eram os países das longínquas costas do Mar Mediterrâneo. Assim, Isaías pensa aqui nos povos afastados, espalhados pela Terra (cf. Isaías 41:1, 5). Estes povos estarão abertos à “lei” (*torah*) do servo de *Yahweh*, isto é, à sua instrução religiosa que comunica uma revelação universal vinda de Deus. Os Gentios já estão a aguardar com ansiedade, ainda que inconscientemente, essa revelação contida na Lei promulgada pelo escolhido de Deus. Tal revelação procurará estabelecer um reino universal de justiça que inclua toda a Humanidade. Assim, o servo de *Yahweh* surge caracterizado como um novo Moisés, um novo agente da revelação (*torah*) de Deus. No entanto, ao contrário da revelação mediada por Moisés, a nova revelação trazida pelo servo de Deus não se limitará a Israel, mas destinar-se-á a todos os povos da Terra.

A segunda perícopes do “Primeiro Poema do Servo de *Yahweh*” (Isaías 42:5-7) apresenta um discurso oracular que Deus dirige ao Seu servo. Vejamos o seu significado.

O oráculo de *Yahweh* dirigido ao servo, que Isaías transmite, começa por carac-

terizar Deus como o Criador (Isaías 42:5). Isaías procede desta forma porque o ato criativo de Deus era, para o pensamento hebreu, a prova da onipotência divina. Portanto, Deus *Yahweh*, ao declarar ser o Criador, está implicitamente a declarar que é o único Deus e que é o Deus dotado de todo o poder. Ele não só criou “os céus” e “a terra”, mas também é o doador da vida – representada pelo “alento” (*neshamah*) e pelo “espírito” (*ruach*) – que anima todos os seres humanos que habitam a Terra (cf. Salmo 104:29 e 30; Job 12:10; 27:3 e 4; 33:4). Portanto, Ele tem todo o poder e toda a autoridade para designar o Seu servo como agente da Sua salvação para toda a Humanidade criada por Si. Note-se que, para designar a Humanidade, o texto fala de “povo” (*‘am*). Esta palavra hebraica é usualmente utilizada no Antigo Testamento para referir o povo de Israel. Mas, aqui, o seu significado é claramente alargado, de modo a denotar todos os seres humanos que habitam a Terra.

Isaías prossegue o relato das palavras de *Yahweh* dirigidas ao Seu servo. Deus vai

exercer a Sua justiça (*tsedeg*), chamando o Seu eleito e tomando-o pela mão, pois foi Ele que o formou. O chamado expressa a vocação do servo para a missão que deve realizar. O ato de tomar pela mão é um gesto simbólico de investidura que pertencia ao cerimonial de entronização de um novo rei. Significa a instauração do servo na sua missão. A formação do servo por Deus significa que ele foi gerado pelo Senhor no ventre da sua mãe para a missão que Ele lhe designou (cf. Isaías 49:5). Qual é a missão do servo? Ele é dado por Deus “*por aliança do povo, para luz das nações*”. A palavra “aliança” (*b’rith*) significa usualmente, no Antigo Testamento, o pacto estabelecido entre duas partes, nomeadamente entre Deus e o Seu povo. Assim, “aliança” (*b’rith*) pode ser sinónimo de “lei” (*torah*), porque esta é o fundamento desse pacto estabelecido entre Deus e o povo de Israel (e. g. Salmo 78:10). A palavra “povo” (*‘am*) significa habitualmente o povo de Israel. Mas, dado que, no versículo imediatamente anterior, “povo” (*‘am*) designava toda a Humanidade, devemos



**“Na verdade, o Filho do Homem veio buscar e salvar os que estavam perdidos.”**  
**Lucas 19:10.**

---

concluir que aqui o significado é o mesmo. Esta conclusão é reforçada pelo facto de “povo” ser aqui usado em paralelo com “nações” (*gôyim*). Portanto, o facto de o servo ser posto “por aliança do povo” significa que ele será o fundamento de uma (nova) “aliança” estabelecida entre o Deus Criador e a Humanidade, que terá por base o juízo (*mishpât*) e a Lei (*torah*) promulgada pelo servo. Portanto, esta (nova) aliança centrar-se-á no servo de *Yahweh*. Ele será a aliança personificada. Por isso, ele será também “luz das nações”. Esta expressão encontra-se igualmente no “Segundo Poema do Servo de *Yahweh*” (Isaías 49:6). Ela significa que o servo de Deus irá iluminar espiritualmente a Humanidade graças à nova revelação proveniente do Criador. Esta nova revelação tem o seu fundamento no próprio servo de *Yahweh*.

A segunda parte do “Primeiro Poema do Servo de *Yahweh*” termina com duas metáforas que expressam o ministério do servo enquanto “luz das nações”. O servo será enviado por Deus “*para abrir os olhos dos cegos, para fazer sair da prisão o preso e da casa do cativo os habitantes das trevas*”. Os “cegos”, os “presos” e os “habitantes das trevas” são todos os seres humanos que vivem nas trevas espirituais e na prisão do pecado porque não conhecem *Yahweh* ou a Sua vontade revelada. É esta ignorância da verdadeira religião do Deus Criador que o servo irá erradicar, ao trazer a luz e a liberdade da nova revelação e da nova aliança de que ele é o mediador.

### **JESUS, O SERVO DE YAHWEH**

A profecia do “Primeiro Poema do Servo de *Yahweh*” cumpriu-se perfeitamente em Jesus. Na verdade, quando consideramos a história da Humanidade, percebemos claramente que Jesus de Nazaré é a única Personalidade histórica em que ela se cumpre com exatidão.

Jesus revelou ser o Servo de Deus, sendo-Lhe obediente, ao ponto de abdicar da Sua própria vontade para cumprir a vontade divina (Lucas 22:42; João 4:34; 6:38). No momento do Seu batismo – que marca o início do Seu ministério – o Espírito de Deus ungiu-O e o Pai testemunhou que Ele era o Seu Filho bem-amado em Quem Se comprazia (Mateus 3:16 e 17; Marcos 1:10 e 11; Lucas 3:22). Convém notar que o termo grego *pais* (“filho”) aplicado a Jesus nestes textos dos Evangelhos significa igualmente “servo”. De facto, estes versículos dos Evangelhos são uma citação parcial de Isaías 42:1. Este último versículo de Isaías também é aplicado a Jesus no episódio da transfiguração, narrado nos Evangelhos sinóticos (Mateus 17:5; Marcos 9:7; e Lucas 9:35).

Tal como indica a profecia de Isaías 42, Jesus foi formado no ventre da Sua mãe por Deus, para desempenhar a Sua missão (Mateus 1:18, 20 e 21; Lucas 1:30-32). Assim, Ele foi eleito por Deus desde o ventre materno para ser o Seu servo e para cumprir a missão que Deus Lhe atribuiu.

Jesus enviou os Seus discípulos para levarem o Evangelho do Reino e a Revelação do Deus Criador a todas as nações, prometendo que estaria com eles até ao fim do mundo (Mateus 28:19 e 20). Assim, Ele fundou um movimento – a Sua Igreja – que, nos últimos 2000 anos, tem levado a todas as nações a religião de *Yahweh* como único Deus verdadeiro, estendendo-a até às partes mais distantes da

## *Jesus veio à Terra para cumprir a missão confiada por Deus.*

Terra. Portanto, Jesus tornou-Se numa luz para as nações (Lucas 2:30-32; João 8:12), levando a salvação de *Yahweh* a todo o mundo. Nem mesmo uma morte violenta impediu Jesus de cumprir a Sua missão, através da Igreja que fundou.

Esta expansão da nova revelação de *Yahweh* – o Cristianismo – assenta na fundação de uma nova aliança, da qual Jesus é o Mediador (Lucas 22:20; I Coríntios 11:25). Na verdade, Cristo é a personificação dessa nova aliança, pois esta centra-se n'Ele.

A pregação de Jesus – retomada pelos Seus discípulos – foi pacífica e simples, sem violência. Jesus também acolheu de braços abertos os pecadores arrependidos (Marcos 2:15-17; Lucas 15:1 e 2). Ele era manso e veio à Terra para salvar, não para destruir (Lucas 9:54-56). Veio dar luz aos cegos físicos (Mateus 9:27-30; 11:5; 12:22; João 9:1-7) e aos cegos espirituais (Mateus 23:16-26) e veio trazer liberdade aos cativos do pecado (Gálatas 5:1).

Este perfeito cumprimento da profecia de Isaías 42:1-7 na vida e no ministério de Jesus foi notado pelos Seus primeiros discípulos. Por isso, Isaías 42:1-4 é citado (numa versão adaptada da *Septuaginta*) em Mateus 12:17-21, para mostrar que Jesus era o Messias predito pelo Antigo Testamento. Nisto, os discípulos estavam em harmonia com a tradição judaica do seu tempo, pois o *Targum de Isaías* – a tradução do livro de Isaías em Aramaico – redigido por Jonathan ben Uzziel, no século I a.C., aplica Isaías 42:1-7 inteiramente ao “Messias”.

### **CONCLUSÃO**

Jesus veio à Terra para cumprir a missão confiada por Deus. Ele é o Servo de *Yahweh* profetizado por Isaías. O Seu desejo é iluminar espiritualmente todos os seres humanos. Assim, caro Leitor, deixe que a luz de Jesus brilhe sobre si e entre na nova aliança com Deus, que Ele veio instituir. Faça de Jesus o seu Salvador! ▢



**Ezequiel Quintino**

Série Crer Faz Bem

(Para mais detalhes, ver Julián Melgosa, Crer Faz Bem, Tatuí, SP, CPB, 2015, pp. 34-58.)

# BENEFÍCIOS DA LEITURA DA BÍBLIA E DA MEDITAÇÃO

A Bíblia dá resposta às, e satisfaz muitas das, nossas necessidades, assumindo um lugar especial na nossa vida. Durante as duas últimas décadas, muitos estudos têm sido feitos para observar cientificamente como a leitura da Bíblia e a meditação influenciam a saúde, o comportamento e o bem-estar das pessoas.

Como enfrentamos os problemas? Esta é uma questão crucial. Com frequência, somos confrontados com certas dificuldades e adversidades – questões laborais, dinheiro, relacionamentos, filhos, saúde e outros. Como reagem as pessoas? Algumas tomam uma atitude imediata, outras esperam; umas zangam-se e outras ficam apáticas; algumas mudam de direção

e outras continuam no mesmo caminho; umas buscam soluções segundo os recursos que têm e outras procuram a ajuda de Deus por meio das Escrituras. Estudos revelam que as pessoas mais idosas frequentemente têm a tendência para confiar mais no poder divino, por meio da Bíblia.

## **BÍBLIA E ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM PROBLEMAS**

Thomas Arcury e a sua equipa da Faculdade de Medicina da Universidade de Wake Forest, Carolina do Norte (EUA), em 2000, estudaram 145 pessoas idosas, com mais de 70 anos. A questão principal era: Como é que essas pessoas utilizavam a religião para as ajudar nas suas condições de





## Estudos revelam que as pessoas mais idosas frequentemente têm a tendência para confiar mais no poder divino, por meio da Bíblia.

Num outro estudo, conduzido por Brenda Beagan na Universidade de Dalhousie, Halifax, Nova Escócia (2012), foram entrevistadas mulheres afro-canadianas sobre como encaravam o racismo, a depressão, o stresse e a espiritualidade. Os resultados revelaram que a *leitura da Bíblia, cantar e orar* eram as principais formas que tinham para lidar com as dificuldades, de maneira a compensar a discriminação racial. Os pesquisadores sugerem que essas práticas parecem ser capazes de prevenir ou de atenuar complicações relacionadas com a saúde mental.

Peritos da Universidade de Yale, liderados por Chyrell Bellami (2007), estudaram pessoas que passavam por transtornos mentais (depressão, ansiedade, distúrbios ligados ao uso do álcool e de drogas, e ainda sintomas psicóticos). Por exemplo, as pessoas eram questionadas sobre se a espiritualidade era importante para elas e, se sim, quais as atividades espirituais em que participavam. Foram registadas respostas sobre a espiritualidade em público (78%) e em privado (30%). Dois terços do grupo afirmaram que *a espiritualidade era muito importante*. As mulheres eram uma vez e meia mais inclinadas à vida espiritual do que os homens. Também à medida que aumentava a idade, maiores eram as tendências espirituais. Os pesquisadores concluíram que as pessoas com doença mental têm a tendência de perder o controlo

saúde? Foram feitas outras perguntas específicas sobre saúde, estilo de vida e vivência da fé: “Recorre à oração e aos cultos religiosos para ajudar a controlar a sua saúde?” É interessante notar que a leitura da Bíblia e a meditação não faziam parte das perguntas. Mas as Escrituras foram o segundo tema mais importante, logo depois da fé e da oração, como forma de apoio no cuidado com a saúde. A conclusão deste estudo foi que a *oração e a leitura da Bíblia* definiam o ritmo e a rotina da vida de muitos daqueles participantes idosos. Consolidavam a fé por meio das reuniões de oração, às quartas-feiras à noite, dos cultos de adoração na igreja, da participação no coro e de reuniões de convívio na igreja.

durante os momentos em que os sintomas são mais fortes. E é no meio dessas crises que as atividades espirituais podem ajudar a aliviar os sintomas e a dar esperança. A essência da recuperação é acreditar e manter a esperança de que as coisas irão melhorar.

Quinn Stanley, da Universidade de Wisconsin, e Stevens Point (2011) estudaram um grupo de professores de educação especial provenientes de quatro escolas. Os alunos (do 6º ao 12º anos, alguns com mais de 21 anos) caracterizavam-se pela violência, com agressões comuns entre alunos e ameaças de morte a colegas e professores. O objetivo do estudo era conhecer o tipo de recursos utilizados pelos professores para lidar com as várias formas de stresse do trabalho difícil e desafiador que realizavam. Os professores estavam comprometidos em prosseguir o trabalho com os jovens utilizando mecanismos de confrontação (parte deles de natureza religiosa ou espiritual), para manter a eficácia e reduzir a ansiedade. Os resultados mostraram que muitos dos mecanismos usados pelos professores para enfrentar os problemas não eram religiosos (respirar profundamente, manter o humor, fazer exercícios, caminhar, acampar, fazer ativi-

dades de relaxamento e dedicar tempo à família). Mas a maior parte desses professores também considerava a religião importante, por isso *liam a Bíblia, oravam e iam à igreja*. Declararam que a atividade religiosa, juntamente com as outras estratégias, lhes proporcionava uma excelente estrutura para enfrentar as exigências difíceis do trabalho que realizavam.

## CONCLUSÃO

É evidente que a leitura da Bíblia como a Palavra de Deus, seguida de reflexão, e a oração ao Deus Criador são poderosos redutores de stresse, promovendo a saúde física e mental. Agora, quer já tenha ou não lido a Bíblia, sugerimos-lhe que *leia o Salmo 139*. Leia-o duas vezes. Na primeira vez, leia num ritmo normal, sem parar, para sentir a mensagem como um todo. Na segunda vez, leia verso por verso, pausadamente, refletindo em cada palavra e expressão. Relacione a mensagem consigo mesmo. Ao ler a mensagem, que sentimentos esta lhe traz? Que decisões podem ser tomadas e que comportamentos podem ser melhorados ou mudados como resultado da leitura que fez?

Entretanto, que Deus o abençoe! ▢



*“Sonda-me, ó Deus,  
e conhece o meu  
coração; prova-me,  
e conhece os meus  
pensamentos.*

*E vê se há em mim  
algum caminho  
mau, e guia-me pelo  
caminho eterno.”*

*Salmo 139:23 e 24.*



## Em 40 ANOS perdeu-se 60% da vida selvagem

De 1970 a 2014, em apenas 44 anos, o número de vertebrados selvagens (mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes) caiu a pique 60%. Principalmente a drástica redução do número de elefantes, rinocerontes e ursos polares é real e alarmante. E, para diversas espécies, o **risco de extinção** só tem acelerado.

Também há um alerta vermelho sobre a *acidificação dos Oceanos* e sobre o *nível das reservas de água doce*. No século XX, os peixes de água doce tiveram a maior taxa de extinção entre os vertebrados do Planeta. Quase seis milhões de toneladas de peixes e outros frutos do mar foram retirados dos Oceanos, desde 1950. Na atualidade, 90% dos pássaros-marinhos têm fragmentos de *plástico* no estômago.

“O colapso global das populações de animais selvagens é um sinal de alerta de que a Natureza está a morrer”, diz Tanya Steele, líder no Reino Unido do *WWF* (*World Wildlife Fund for Nature* – Fundo Mundial para a Vida Selvagem e Natureza), a propósito do importante relatório *Living Planet Report* (Planeta Vivo 2018), que fornece esta informação.

*A biodiversidade do Planeta está ameaçada. Estamos no meio de uma crise plane-*

*tária causada pela atividade humana, e estamos a fazer pouco para corrigir os erros. Então pergunta-se: O que está a causar a perda global das espécies? A degradação ambiental e a perda de habitat devido à agropecuária e à superexploração de espécies, que continuam a ser as maiores ameaças à biodiversidade e aos ecossistemas terrestres e marinhos em todo o mundo. Essas ameaças são particularmente evidentes nos trópicos, resultando numa perda mais significativa da vida selvagem nessas áreas, principalmente na América Central e do Sul, onde a redução chega a 89%, desde 1970.*

“Somos a primeira geração que sabe estar a destruir o Planeta e a última que pode fazer alguma coisa sobre isso”, refere Tanya Steele. O relatório *Planeta Vivo 2018* traz ainda mais evidências sobre a urgência de modificarmos hábitos e de fazermos um novo acordo global para e pela Natureza, para e pela Humanidade. A *WWF* diz que até 2020 esse acordo deve estar feito. “A forma como alimentamos, abastecemos e financiamos a nossa sociedade e a nossa economia está a levar ao limite a Natureza e os benefícios que ela nos fornece.” *Ou mudamos ou o Planeta morre, diz-se...* ▢

# Japão aposta na ENERGIA SOLAR



Europa, Ásia e América do Norte são os continentes que mais investiram na energia solar. Esta foi a fonte de energia que obteve mais investimentos no mundo, em 2017: cerca de um bilhão e meio de dólares.

Depois do terramoto, seguido de *tsunami*, que atingiu o complexo nuclear de Fukushima, em março de 2011, o Japão decidiu apostar em novas fontes de energia para superar a crise nuclear. Os 54 reatores nucleares do país, que em cada 13 meses eram desligados para inspeções de segurança, não foram reativados. Os que não foram encerrados para avaliação foram sendo desativados aos poucos. Deste modo, no fim de março de 2013, o reator número 6, do complexo nuclear de Kashiwazaki-Kariwa, foi fechado, tornando-se no penúltimo a ser desligado no país. O único reator nuclear que ainda permanece em funcionamento, na Ilha de Hokkaido, deverá ser paralisado em breve. Quando isso acontecer, o Japão será um país livre de energia atômica.

Os Japoneses enfrentaram a situação com determinação, depois do desas-

tre de 2011. Para substituir as centrais de energia nuclear, o Japão passou a investir decididamente na energia solar. Desde novembro de 2013 foram lançados vários projetos gigantescos. Um deles, a *Kagoshima Nanatsujima Mega Solar Power Plant*, com capacidade de gerar 70mW, ocupa uma área de mais de um milhão e 200 mil metros quadrados. Outro projeto, denominado “Cinturão Solar do Leste do Japão”, prevê a construção de dez novos complexos solares. O apoio do governo japonês para a implementação dos sistemas solares é cerca de três vezes maior do que o oferecido pela Alemanha ou pela China.

Pergunta-se: Qual é o contributo destes projetos solares? Apenas dois exemplos. O projeto de energia solar de Hokkaido e um outro projeto para instalações agrícolas em todo o Japão, cada um produzindo 30mW, *reduzirão em cerca de 22 mil toneladas as emissões de dióxido de carbono*, por ano.

*O Japão é um exemplo a seguir na produção de energia solar.* □



Ezequiel Quintino

# Dia Mundial da PAZ

Convencionou-se esta celebração para o primeiro dia do ano civil de 1968. Desde aí, cada dia 1 de janeiro é considerado *Dia Mundial da Paz*. Inicialmente denominado “Dia da Paz”, foi sugerido a 8 de dezembro de 1967, numa mensagem do Papa Paulo VI.

A proposta dirigida “a todos os homens de boa vontade” exortava à “consonância de todas as vozes do mundo, consonância na harmonia, feita da variedade da Humanidade moderna, ... consciente e liberta dos seus tristes e fatais conflitos bélicos, que quer dar à história do mundo um devir mais feliz”.

Hoje, do que o mundo mais necessita, o que os homens mais desejam, é paz. É o que também Deus deseja para os homens que Ele ama. Foi por isso que Jesus Se humanizou; isto é, nasceu, viveu, morreu, ressuscitou e depois ascendeu ao Céu. Fez tudo isto para nos dar a paz. Não a paz que o mundo promete, baseada nos efêmeros e utópicos valores materiais da riqueza, do luxo, do conforto egoísta ou dos (chamados) prazeres da vida. A paz que Jesus promete, e dá na realidade, é uma



paz de espírito que nos faz viver serenos, confiantes e úteis.

Um teólogo holandês escreveu na *Gereformeerd Weekblad*: “A verdadeira paz não é a ausência de guerra, mas a presença de Deus.” Neste contexto, apenas o *Príncipe da Paz*, que é Jesus, tem autoridade para dizer aos Seus seguidores: “É a minha paz que vos deixo. É a minha paz que vos dou. Mas não a dou como a dá o mundo. Não se preocupem nem tenham medo” (João 14:27).

Se nunca sentiu essa paz, se vive em angústia, agitação, a explodir por dentro, se tem medo do futuro, se deixou de confiar nos outros, se sente que não tem valor... Está na hora de se libertar e de aceitar a paz que Jesus oferece. Jesus é a única Rocha de Salvação inamovível que resiste a todas as tempestades do mal. Ao aceitar receber a paz que Ele dá, conhecerá, então, novas esperanças! Nascerá para o amor! Porque, afinal, como afirmou o poeta canadiano Henry Drummond: “A paz passa a reinar no dia em que Cristo reina na nossa mente.” ▬



Ezequiel Quintino  
*Teólogo*

# O CARNAVAL NA ANTIGUIDADE

**A história do Carnaval remonta à Antiguidade – Mesopotâmia, Grécia e Roma.**

Na antiga Babilônia, duas festas teriam originado o que hoje é conhecido como Carnaval. As *Saceias* eram uma festa na qual se concedia a um prisioneiro que assumisse, durante alguns dias, a identidade do rei, vestindo-se e alimentando-se como ele e dormindo com as suas mulheres; no fim, o prisioneiro era chicoteado e, depois, enforcado ou empalado. O outro rito era realizado pelo rei no templo de Marduk (um dos deuses mesopotâmicos), nos dias anteriores ao equinócio da primavera; o rei perdia o poder e era agredido e humilhado diante da estátua de Marduk, demonstrando submissão à divindade; depois, o rei reassumia o trono. O ponto comum nas duas festas era o seu *caráter de subversão de papéis sociais*: a transforma-

ção temporária do prisioneiro em rei e a humilhação do rei perante o deus. Esta subversão de papéis sociais no Carnaval atual (os homens vestirem-se de mulheres e vice-versa) pode ter as suas origens nesta tradição mesopotâmica.

Outros pormenores do Carnaval terão as suas raízes na Grécia, entre 600 a 520 a.C.. Através das *Festas Dionisíacas* (em honra do deus Dionísio), em que o vinho era fundamental, os Gregos realizavam culto em agradecimento aos deuses. A intenção era divertirem-se, celebrarem a chegada da primavera e promoverem a fertilidade. Mais tarde, depois da conquista militar da Grécia por Roma (146 a.C.), os Romanos ampliaram as festas dos Gregos, inserindo-lhes banquetes, mais vinho



**O carnaval não existia nos tempos bíblicos. A ideia popular subjacente aos festejos carnavalescos de que podem cometer-se excessos e fazer-se coisas erradas nesses dias, porque nas semanas seguintes haverá possibilidade de purificação, é falsa religiosidade.**

---

A orgia e a licenciosidade predominavam nessa semana do mês de dezembro.

#### **O CARNAVAL CRISTÃO**

Todas estas festas eram pagãs e intoleráveis para os Cristãos, devido às práticas libertinas e pecaminosas, em oposição ao preconizado pela Bíblia. Com o passar do tempo, e numa tentativa de cristianizar festas pagãs, em 590 d.C., as festividades “carnavalescas” passaram a ser uma comemoração adotada pela Igreja de Roma. Tal mudança causou grande espanto aos olhos do povo. Porém, foi só no século XI que a festa carnavalesca se implantou, a partir da adoção, pela Igreja Católica Romana, da *Semana Santa*, que culmina na *Páscoa*, antecedida por um tempo de penitência e de privação de quarenta dias. A este tempo de privação chamou-se *Quaresma*, sendo-lhe subjacente a ideia de um “afastamento” dos prazeres da carne (“*carnis vales*”). Foi o uso desta última expressão latina que deu origem ao termo “*Carnaval*”.

Para se compreender a marcação das datas do Carnaval e da Páscoa é preciso recuar ao Cristianismo da Idade Média. Todos os feriados eclesiásticos eram regidos

e práticas sexuais, na busca contínua de prazer. Eram as *Bacanaís*, em honra de Baco, o deus do vinho.

Na Roma antiga, as *Saturnálias* prolongavam-se por sete dias, entre 17 e 23 de dezembro, nas casas, nas ruas e nas praças da cidade. Todas as atividades e todos os negócios eram suspensos nesse período. Os papéis sociais também eram invertidos temporariamente, com os escravos e os seus senhores a trocarem as respetivas posições. As restrições morais eram afrouxadas. As pessoas trocavam presentes. Era eleito um rei, por brincadeira, para dirigir a festa e comandar o cortejo pelas ruas. As tradicionais fitas de lã que amarravam os pés da estátua do deus *Saturno* eram retiradas, como se a cidade o convidasse para participar da folia.

pelo ano lunar e calculados em função da data da Páscoa, com exceção do Natal. Pergunta-se: Como se fixou a data da Páscoa? Em 1545, depois do Concílio de Trento (o Concílio da Contra-Reforma), transitou-se do Calendário Juliano para o Gregoriano. Convencionou-se que o *Domingo de Páscoa* ocorresse no primeiro domingo após a primeira Lua cheia que se verificasse a partir do equinócio da primavera (no Hemisfério Norte) ou do equinócio do outono (no Hemisfério Sul), e a *Sexta-feira da Paixão* é a que antecede o *Domingo de Páscoa*. Assim sendo, a *Terça-feira de Carnaval* ocorre 47 dias antes da Páscoa e passou a ser uma data oficial para os Cristãos Católicos.

Ora, os quarenta dias de privações (um longo período) acabariam por incentivar a junção de diversas festividades nos três dias que antecederiam a *Quaresma*. A esses dias de folia total, quase sem limites, chamaram-lhes dias “*gordos*”, em especial a *Terça-feira Gorda*, último dia antes da *Quaresma*. Desta forma, Roma pretendia manter uma data para as pessoas cometerem excessos, antes do período da “severidade” religiosa. A *Quaresma* tem início com a chamada *Quarta-feira de Cinzas*, quando, nas igrejas católicas, numa missa especial, o Padre faz com o dedo uma cruz com cinza na testa dos fiéis, lembrando a finitude da vida e convidando ao arrependimento.

Já na época do Renascimento, entre os séculos XIV e XVII, incorporaram-se ao Carnaval ricas fantasias e desfiles de carros alegóricos, que a sociedade vitoriana do século XIX desenvolveu. Entretanto, no século XVIII, Paris foi a cidade que criou os bailes de máscaras e exportou o modelo moderno da festa carnavalesca para o mundo. Também, já em 1723, o Carnaval tinha chegado ao Brasil, levado pelos Portugueses, sendo o Brasil o país que possui hoje a maior exibição carnavalesca do mundo.

## CONCLUSÃO

Pode afirmar-se que o Carnaval, tendo sofrido uma série de modificações culturais, é vivido na atualidade como uma festa popular de rua e de salão. Hoje, Carnaval é sinónimo de alegria, festas, bailes, máscaras, disfarces, desfiles, corsos, divertimento, consumismo e excessos; mas Carnaval significa também acidentes, feridos e mortes, lamento e tristeza. Desde o início, o Carnaval tem sido associado a excessos, imoralidade sexual e como desculpa para comportamentos que, noutros dias, não seriam aceitáveis.

É imprescindível e irrefutável a necessidade de pausas para a restauração física, mental e espiritual do ser humano. Porém, um *divertimento* como o Carnaval leva a excessos, excita, promove o prazer sensual e pode ter custos elevados. Em contraste, a necessária *recreação*, sobretudo ao ar livre, proporciona o bem-estar físico, emocional e mental, fortalece, constrói o caráter e proporciona felicidade interior.

A Bíblia não diz nada sobre o Carnaval. O Carnaval não existia nos tempos bíblicos. A ideia popular subjacente aos festejos carnavalescos de que podem cometer-se excessos e fazer-se coisas erradas nesses dias, porque nas semanas seguintes haverá possibilidade de purificação, é falsa religiosidade (Mateus 15:7-9). Deus exorta-nos a sermos moderados e a ter domínio próprio (Gálatas 5:16-25). A Palavra de Deus aconselha-nos a mantermo-nos sempre longe da imoralidade sexual (I Coríntios 6:18-20). A melhor opção será a que está de acordo com a Palavra de Deus e o exemplo do Modelo por excelência, Jesus Cristo. ▢

<https://brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval.htm>

[www.todamateria.com.br/historia-e-origem-do-carnaval/](http://www.todamateria.com.br/historia-e-origem-do-carnaval/)





# HopeBíblia

## CURSOS BÍBLICOS GRATUITOS ONLINE



### ESPIRITUALIDADE

#### **A Fé de Jesus**

Curso para iniciação ao estudo das Sagradas Escrituras.



#### **Luz para o Meu Caminho**

Guia de estudos bíblicos sobre diferentes assuntos e temáticas.



#### **Força para Viver**

Curso bíblico de orientação e aconselhamento pessoal e familiar para uma vida com sentido.



### JOVENS

#### **A Bíblia Ensina**

Estudos bíblicos para jovens, individualmente ou em grupo.



### FAMÍLIA

#### **Construir em Amor**

Estudos de orientação e reflexão para uma vida familiar plena.



### SAÚDE

#### **Saúde 4**

Estudos para uma melhor saúde global.



**hopechannel.pt/biblia**

[Assista a qualquer um destes cursos de forma gratuita na Internet]

ligue **213 140 166** ou envie um email para **geral@hopechannel.pt**  
[Para mais informações]



# Deus Fala

## *Deus em busca do Homem para o salvar*

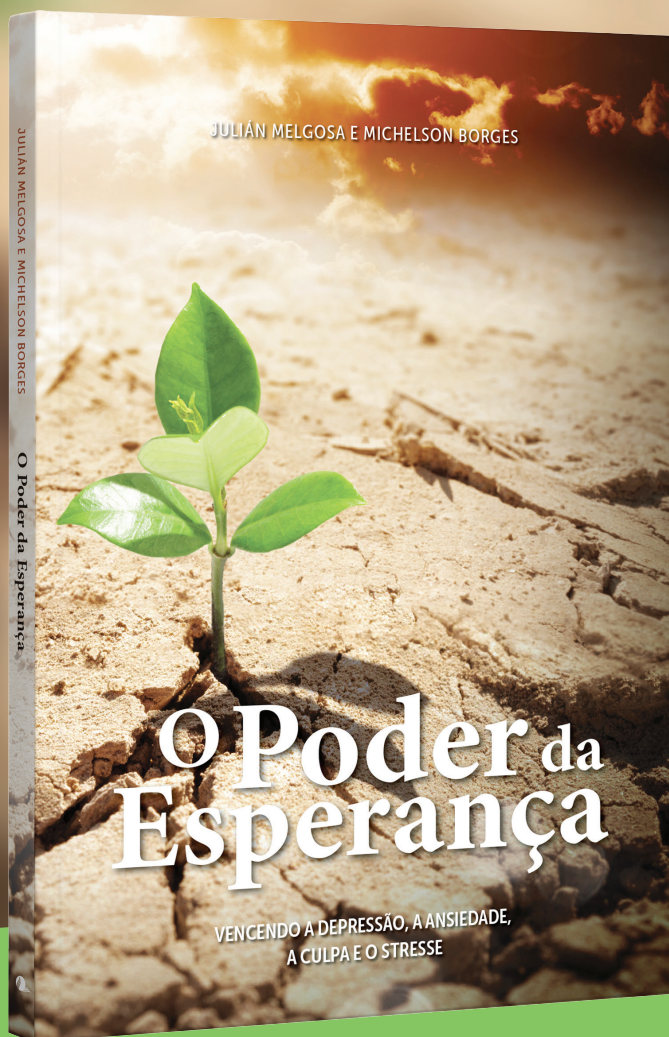
- 1. No Éden a Adão** – “O Senhor Deus chamou pelo homem e perguntou: Onde estás?” (Gênesis 3:9).
- 2. A Abraão (a Isaque e a Jacob)** – “Juro pelo meu bom nome que te hei de abençoar e hei de dar-te uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu ou como as areias da praia [...]. Através dos teus descendentes se hão de sentir abençoados todos os povos do mundo, porque tu obedeceste à minha ordem” (Gênesis 22:16-18).
- 3. A Moisés** – “Moisés! Moisés! [...] Tenho visto como sofre o meu povo que está no Egito. [...] Por isso, estou decidido a ir libertá-lo do poder dos egípcios e tirá-lo dessa terra, para o levar para uma terra grande e boa. [...] Portanto vai, que eu te envio ao faraó, para tirares do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Êxodo 3:4-10).
- 4. A Josué** – “Eu estarei contigo, tal como estive com Moisés. Não te deixarei nem te abandonarei. Sê forte e corajoso, porque hás de conduzir este povo à posse da terra que eu prometi aos seus antepassados” (Josué 1:5 e 6).
- 5. A Isaías** – “Então ouvi a voz do Senhor a perguntar: Quem vou enviar? Quem irá por nós? Eu respondi: Eis-me aqui! Envia-me a mim!” (Isaías 6:8).
- 6. A Jeremias** – “Antes de te ter dado a vida eu já te conhecia; antes de a tua mãe te ter dado à luz, já eu te tinha escolhido, para seres profeta entre os pagãos. [...] Vai aonde eu te enviar, e fala como eu te mandar. Não tenhas medo de ninguém; eu estarei ao teu lado para te proteger. [...] Vou pôr as minhas palavras nos teus lábios” (Jeremias 21:6-9).
- 7. A Ezequiel** – “Homem, presta atenção e lembra-te de tudo o que te vou dizer. Vai ter com os teus compatriotas, que estão no exílio, e comunica-lhes o que eu, o Senhor Deus, lhes mando dizer, quer queiram ouvir, quer não” (Ezequiel 3:10 e 11).
- 8. A Daniel** – “E agora, Daniel, fecha o livro e sela-o até ao tempo do fim. Nessa altura, muitos o hão de consultar e o conhecimento aumentará” (Daniel 12:4).
- 9. João Batista ao povo** – “Eu batizavos em água como sinal de arrependimento. Mas aquele que vem depois de

*mim é mais poderoso do que eu [...] Ele há de batizar-vos no Espírito Santo e no fogo” (Mateus 3:11). “No dia seguinte, João viu Jesus encaminhar-se para ele e disse: Este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29).*

- 10. Jesus ao povo** – “*É chegada a hora! O reino de Deus está próximo. Arrependam-se dos pecados e creiam nesta boa nova” (Marcos 1:15).*
- 11. Jesus tem pena do Seu povo** – “*Oh, Jerusalém, Jerusalém! Matas os profetas e apedrejas os mensageiros que Deus te envia! Quantas vezes eu quis juntar os teus habitantes como a galinha junta os pintainhos debaixo das asas! Mas tu não quiseste” (Mateus 23:37).*
- 12. Jesus avisa** – “*Tenham cuidado e não se deixem enganar por ninguém. [...] Pois vão aparecer falsos messias e falsos profetas, que hão de apresentar grandes sinais e prodígios, para enganarem, se possível, os próprios escolhidos de Deus. Por isso quis prevenir-vos. [...] Pois, tal como o relâmpago alumia o céu de um extremo ao outro, assim será a vinda do Filho do homem [...] sobre as nuvens com poder e grande glória. [...] Sobre*

*o dia e a hora destes acontecimentos é que ninguém sabe. [...] Portanto, procurem também estar preparados, porque o Filho do homem virá quando menos o esperam” (Mateus 24:4, 24, 27, 30, 36, 44).*

- 13. Jesus diz-nos através do profeta João** – [primeira bem-aventurança] “*Feliz aquele que lê este livro e felizes os que ouvem estas palavras proféticas e guardam o que aqui está escrito, porque tudo isto há de acontecer em breve” (Apocalipse 1:3) – [sétima bem-aventurança] “Felizes os que purificam as suas vestes para terem o direito de comer o fruto da árvore da vida e de entrar pelas portas da cidade” (Apocalipse 22:14).*
- 14. Jesus faz o apelo final** – “*O Espírito e a Esposa dizem: Vem! Aquele que ouve isto diga igualmente: Vem! Quem tiver sede que se aproxime. Quem quiser a água da vida recebe-a de graça. [...] Aquele que é testemunha de todas estas coisas diz: Sim! Vou chegar muito em breve! Assim seja! Vem, Senhor Jesus!” (Apocalipse 22:17, 20.)*–



Ansiedade e  
stresse? Depressão?  
Traumas psíquicos?  
Dependências?  
Sentimentos  
de culpa?

"Descubra as respostas que levarão a uma vida de paz,  
de restauração e de cura." **Comece já! Peça**  
**"O Poder da Esperança" gratuitamente!**

**CONTACTE-NOS 213 140 166**